

CAPÍTULO I

Há uma semana que Mr. R. Childan andava a vigiar ansiosamente o correio. Mas a valiosa encomenda dos Estados das Montanhas Rochosas ainda não chegara. Ao abrir o seu estabelecimento na sexta-feira de manhã e vendo apenas cartas no chão, diante da fenda do correio, pensou: O meu cliente vai ficar zangado.

Após ter-se servido de uma chávena de chá instantâneo, da máquina de parede de cinco cêntimos, foi buscar uma vassoura e pôs-se a varrer. Em breve tinha a frontaria da American Artistic Handcrafts Inc. preparada para o dia de trabalho, tudo a brilhar, a caixa registadora abastecida de trocos, uma jarra com malmequeres frescos e o rádio a tocar música de fundo. Lá fora, homens de negócios apressavam-se ao longo do passeio, dirigindo-se para os seus escritórios da Montgomery Street. Um carro por cabo passava à distância; Childan deteve-se para o observar com prazer. Mulheres, com os seus longos vestidos de seda coloridos... também as contemplou. Foi então que o telefone tocou. Voltou-se para o atender.

— Sim — disse uma voz conhecida, ao escutar a sua resposta. O coração de Childan estacou. — Daqui fala Mr. Tagomi. O meu cartaz de recrutamento da Guerra Civil já chegou? Lembre-se, por favor, que mo prometeu para a semana passada. — A voz do homem soava rebuscada, impositiva, dificilmente polida, a custo cumprindo as normas. — Cheguei a entregar-lhe um depósito juntamente com a encomenda, Mr. Childan? Isto destina-se a uma oferta, sabe? Eu expliquei-lho. É para um cliente.

— As buscas dispendiosas que tive de efetuar à minha custa, Mr. Tagomi, relativamente à encomenda prometida — principiou Childan a justificar-se — as quais, como compreenderá, tiveram de decorrer fora desta região e que, por conseguinte...

Mas o outro interrompeu-o:

— Quer isso dizer que ainda não chegou.

— Pois não, Mr. Tagomi.

Uma pausa gelada.

— Não posso esperar mais — disse Tagomi.

— Com certeza que não, meu caro senhor.

Olhou morosamente através da montra da loja, para o morno dia brilhante e para os prédios de escritórios de São Francisco.

— Nesse caso, algo em substituição. Que é que me recomenda, Mr. Childan?

Tagomi pronunciou deliberadamente mal o nome, insulto dentro das normas que pôs as orelhas de Childan a arder. Ossos do ofício, o penoso martírio da sua situação. As aspirações, receios e tormentos de Robert Childan vieram à superfície, engolfaram-no e travaram-lhe a língua. Balbuciou qualquer coisa, a mão pegajosa a segurar o aparelho. A atmosfera do seu estabelecimento cheirava a malmequeres; a música continuava a tocar, mas ele sentia-se como se estivesse a afundar-se num mar distante.

— Bem... — conseguiu resmonear. — Um batedor de manteiga. Uma máquina de fazer gelados, mais ou menos de 1900. — A sua mente recusava-se a raciocinar. E fora logo falhar nesse preciso momento, fazer figura de parvo! Tinha trinta e oito anos de idade e conseguia lembrar-se dos dias anteriores à guerra, de outros tempos. Franklin D. Roosevelt e a Feira Mundial, o antigo mundo melhor. — Permite que lhe leve diversos artigos interessantes ao seu local de trabalho? — indagou a custo.

Foi marcada entrevista para as duas da tarde. Ia ser obrigado a fechar a loja, pensara, ao desligar o telefone. Não lhe restava outra hipótese. Tinha de conservar a boa vontade desse género de clientes; o negócio dependia deles.

Ali de pé, a tremer, deu-se conta de que alguém, um casal, havia entrado no estabelecimento. Um jovem e uma rapariga, ambos elegantes, bem vestidos. O ideal. Acalmou-se e movimen-

tou-se na direção deles, de um modo profissional e descontraído e todo sorridente. Tinham-se curvado, a escrutinar um expositor do balcão, escolhendo um cinzeiro encantador. Casados, calculou. Moradores na *Cidade da Neblina Serpenteante*, os novos apartamentos muito exclusivos da *Linha do Céu*, sobranceiros a Belmont.

— Bons dias — cumprimentou, sentindo-se logo melhor.

Eles sorriram-lhe sem quaisquer indícios de superioridade, apenas gentileza. A sua exposição, que era de facto a melhor de toda a costa, havia-os deslumbrado um pouco; reparou nisso e sentiu-se gratificado. Eles eram entendidos.

— Uns artigos realmente excelentes, meu caro senhor — comentou o jovem.

Childan fez espontaneamente uma vénia.

Os olhos do casal, calorosos não apenas por uma questão de humanidade, mas por puro entusiasmo perante os objetos de arte que ele vendia, pelos seus gostos e preferências mútuos, permaneciam fixos nele. Estavam a agradecer-lhe por ter coisas como aquelas para eles verem, escolherem e examinarem, manusearem, talvez, sem sequer as adquirirem. Sim, pensou, eles sabem o género de estabelecimento em que entraram. Isto não é lixo para turistas, placas de pau-brasil dizendo: *Muir Woods*, *Marin County*, *PSA*, cartazes cómicos, anéis efeminados ou postais com vistas da ponte. Os olhos da rapariga, em especial, grandes, escuros. Com que facilidade, pensou Childan, eu poderia apaixonar-me por uma rapariga como esta. Que tragédia não seria então a minha vida, como se já não fosse suficientemente má. O cabelo negro bem penteado, as unhas envernizadas, as orelhas furadas para usar os longos brincos de latão pendentes, fabricados à mão.

— Os seus brincos — murmurou. — Talvez tivessem sido comprados aqui?

— Não — respondeu ela. — Na minha terra.

Childan acenou em compreensão. Nada de arte contemporânea americana; apenas o passado podia estar ali representado, num estabelecimento como o seu.

— Já cá estão há muito tempo? — perguntou. — Na nossa São Francisco?

— Estou aqui colocado por período indefinido — disse o homem.
— Na Comissão de Inquérito para o Planeamento do Padrão de Vida em Áreas Desprivilegiadas.

O orgulho revelava-se-lhe no rosto. Não era um militar. Nenhum desses rústicos mascadores de pastilha elástica em comissão de serviço, com as suas gordurosas caras de campónios, a vaguear pela Market Street, de boca aberta perante os espetáculos libertinos, os filmes de sexo, as galerias de tiro, os clubes noturnos baratos, com fotografias de loiras de meia-idade, a segurar os mamilos por entre dedos cheios de rugas, com um ar lúbrico... as barulhentas espeluncas de *jazz*, que cobriam a maior parte da área plana de São Francisco, pardieiros arruinados de lata e madeira, que tinham nascido das ruínas, ainda antes do impacto da última bomba. Não... este homem pertencia à elite. Culto, educado, mesmo mais que Mr. Tagomi, o qual era, afinal, um oficial de elevada patente da Missão Comercial da Costa do Pacífico. Tagomi era um velho. A sua formação vinha dos tempos do Gabinete de Guerra.

— Desejam objetos de arte étnica tradicional americana para oferecer? — indagou Childan. — Ou talvez para decorar um novo apartamento, destinado à vossa estada nesta cidade?

A verificar-se a última hipótese... o seu coração já escolhera.

— Calculou acertadamente — disse a rapariga. — Estamos a iniciar a decoração. Um tanto indecisos. Acha que nos poderia dar informações sobre o assunto?

— Sim, creio que poderia deslocar-me ao vosso apartamento — anuiu Childan. — Com diversas caixas de objetos, que posso sugerir para vosso prazer. É essa, naturalmente, a nossa especialidade. — Baixou o olhar, no intuito de ocultar as suas esperanças. O negócio poderia envolver milhares de dólares. — Vou arranjar-vos uma mesa da Nova Inglaterra, em carvalho, toda montada por meio de cavilhas de madeira, nada de pregos. Imensa beleza e valor. E um espelho da época da Guerra de 1812. Igualmente exemplares de arte aborígine: um conjunto de tapetes de pelo de cabra com tinta vegetal.

— Pessoalmente, prefiro a arte urbana — disse o homem.

— Sim — retorquiu avidamente Childan. — Escute, senhor. Tenho um mural do período pós-escritórios WPA, original, fabricado em madeira, com quatro secções, retratando Horace Greeley. Uma peça inestimável de colecionador.

— Ah! — exclamou o homem, os olhos escuros a faiscar.

— E um armário Vitrola, de 1920, transformado em bar.

— Ah!

— E, escute bem, meu caro senhor: *um retrato autografado encaixilhado da Jean Harlow.*

O homem arregalou os olhos para ele.

— Querem que tome as disposições necessárias? — indagou Childan, aproveitando o momento psicológico correto. Tirou a caneta e o bloco de notas do bolso interior do casaco. — Vou tomar nota dos vossos nomes e endereço, cavalheiro e senhora.

Posteriormente, quando o casal saiu do estabelecimento, Childan ficou ali de pé, as mãos atrás das costas, a observar a rua. Uma alegria. Se todos os dias de trabalho fossem como aquele... mas tratava-se de mais que negócio, era o sucesso da sua loja. A oportunidade de conhecer socialmente um jovem casal japonês, que o aceitasse como um homem em vez de um *yank*³ ou, na melhor das hipóteses, um comerciante que vendia objetos de arte. Sim, esta nova gente jovem, esta geração em desenvolvimento que não se recordava dos tempos anteriores à guerra, ou mesmo da guerra propriamente dita... constituía a esperança do mundo. As diferenças geográficas não tinham significado para eles.

Tudo terminaria, pensava Childan. Um dia. A própria ideia de diferenciação geográfica. Nada de governados e governantes, simplesmente pessoas.

E, contudo, tremia de medo ao imaginar-se a bater-lhes à porta. Examinou as suas notas. Os Kasouras. Iria ser mandado entrar, sem dúvida lhe ofereceriam chá. Conseguiria comportar-se como devia ser? Ter a noção do ato e linguagem apropriados a cada momento? Ou iria desgraçar-se, como um animal, por cometer algum desapontador *faux pas*?

A rapariga chama-se Betty. Tanta compreensão no rosto dela, recordou, nos seus olhos gentis e simpáticos. De certeza que, mesmo no reduzido lapso de tempo passado no estabelecimento, ela se apercebera das suas esperanças e derrotas.

As suas esperanças... sentiu-se de súbito tonto. Que aspirações, a raiar a loucura ou o suicídio, é que ele alimentava? Mas era conhecido o género de relações existente entre Japoneses e *Yanks*, ainda